

ENTRE A VOZ E A ESCRITA: À PROCURA DA RAZÃO POÉTICA EM MARÍA ZAMBRANO

BETWEEN VOICE AND WRITING: SEARCHING FOR THE POETIC REASON IN
MARÍA ZAMBRANO

*Ana Paula Mendes de Oliveira*¹

*Naiana dos Anjos Lustosa*²

*Eduardo Pellejero*³

Resumo:

O presente artigo analisa a crítica de María Zambrano à racionalidade ocidental, modelo pautado no logos e na razão lógico-matemática que secundarizou dimensões vitais como o corpo, a imaginação e a experiência sensível. Diante da cisão histórica entre razão e vida, investiga-se a "razão poética" zambranianiana como uma proposta de reintegração dessas dimensões historicamente excluídas pela tradição logocêntrica. A partir desse horizonte teórico, estabelece-se um diálogo com Adriana Cavarero — via leitura do conto "O rei à escuta", de Italo Calvino — para discutir a voz como manifestação singular da existência, avessa à lógica do controle. Por fim, examina-se como a escrita, em interlocução com Derrida, Merleau-Ponty e Blanchot, atua como experiência liminar e espaço de abertura ao real. Conclui-se que a crítica de Zambrano exige não apenas uma reformulação epistemológica, mas a emergência de novos modos de relação com a linguagem e de escrita filosófica.

Palavras-chave: María Zambrano; Razão Poética; Voz; Escrita

Abstract:

This article analyzes María Zambrano's critique of western rationality, a model based on the logos and logical reason that sidelined vital dimensions such as the body, imagination, and sensible experience. Facing the historical split between reason and life, this study investigates Zambrano's "poetic reason" as a proposal to reintegrate these dimensions historically excluded by the logocentric tradition. Within this theoretical horizon, a dialogue is established with Adriana Cavarero — through her reading of Italo Calvino's short story "A King Listens" — to discuss the voice as a unique manifestation of existence that evades the logic of control. Finally, it examines how writing, in dialogue with Derrida, Merleau-Ponty, and Blanchot, operates as a liminal experience and a space of openness to the real. The study concludes that Zambrano's critique demands not only an epistemological reformulation but also the emergence of new modes of relationship with language and philosophical writing.

Keywords: María Zambrano; Poetic Reason; Voice; Writing

¹ Doutoranda em filosofia (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-2016-6225> Email: anamendes007@yahoo.com.br

² Doutoranda em filosofia (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6330-6109> Email: naianjoslustosa@gmail.com

³ Doutor em filosofia contemporânea pela Universidade de Lisboa (UL). Professor titular (UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9203-6147> Email: edupellejero@gmail.com

Incorpórea, a claridade da manhã dança. Quem não terá visto na claridade da manhã, na dança perfeita que é a metamorfose, uma pluralidade de figuras que, desenhadas e desdenhadas, não se corporizam, transformando-se infatigavelmente? Nascem e desfazem-se, enlaçam-se eretizam-se; escondem-se para reaparecer como faz o homem a jogar quando é criança, ou quando joga com esses jogos em que a infância se eterniza.

María Zambrano, *O Homem e o Divino*, 1995, p.41

A modernidade ocidental consolidou um modelo de racionalidade fundamentado na centralidade do *logos*, da identidade e da objetividade, reduzindo progressivamente a experiência humana às categorias da razão instrumental⁴. Nesse processo, dimensões fundamentais da existência como a dimensão pática (ZAMBRANO, 2015, p. 677-700; 688) - como o corpo, a imaginação, o sonho, a memória, a voz e a experiência sensível - passaram a ocupar um lugar secundário na tradição filosófica, frequentemente subordinadas aos critérios de clareza e distinção conceitual. A busca pela verdade converteu-se, em grande medida, em busca pela estabilidade, pela fixação do real em categorias capazes de garantir domínio e previsibilidade. Como consequência, instaurou-se uma cisão entre razão e vida, pensamento e experiência, linguagem e mundo.

Grande parte da crítica filosófica contemporânea voltou-se para esse processo de instrumentalização da razão e de empobrecimento da experiência. Entre tais críticas, o pensamento de María Zambrano ocupa um lugar singular. Inserida no contexto das crises éticas, políticas e subjetivas do século XX, Zambrano identifica na tradição racionalista ocidental, não apenas um problema epistemológico, mas uma forma histórica de afastamento do humano em relação ao real. Sua crítica dirige-se à absolutização da consciência lógica e à redução da realidade ao que pode ser apreendido pelos mecanismos de uma razão que busca estabilizar, classificar e dominar aquilo que, na experiência, permanece ambíguo, móvel e inapreensível. Nesse sentido, a crise da razão não se manifesta apenas no plano teórico, mas também na incapacidade de acolher as dimensões páticas (*pathos*), imaginativas e relacionais da existência.

É nesse horizonte que emerge a noção zambraniana de razão poética. Longe de constituir uma recusa da razão, a razão poética aparece como tentativa de reintegrar ao pensamento filosófico aquilo que foi historicamente excluído pela tradição logocêntrica: a experiência sensível, a imaginação, o delírio, a memória, o sonho e a linguagem poética (ZAMBRANO, 2015, p. 703). Trata-se, portanto, de um deslocamento na própria forma de pensar a filosofia, de um deslocamento que atinge não apenas os conteúdos do pensamento, mas também sua linguagem e suas formas de expressão. Ao mesmo tempo, a escrita deixa de ocupar um lugar meramente instrumental -como simples veículo de conceitos previamente organizados- para tornar-se espaço de emergência do enigma no próprio pensamento.

⁴Precursora de uma crítica que acabaria por tornar-se um dos vectores fundamentais do pensamento contemporâneo, María Zambrano falava de razão lógico-matemática. Para ser fiéis ao seu pensamento, mas ao mesmo tempo para dar uma noção do alcance da sua obra, problematizamos ambas noções ao longo do artigo. Para aproximações entre o pensamento zambraniano e a contemporaneidade ver: RODRIGUEZ, B.C. (2018). Zambrano 's poetic reason in the light of Frankfurtian Critical Theory. *History of European Ideas*, 44(5-6), 1-12.

Nesse contexto, a questão da voz adquire importância. Não apenas enquanto metáfora da subjetividade, mas como experiência de relação, abertura e presença. Ainda mais, a voz, tal como aparece em determinadas leituras contemporâneas da linguagem e da escuta, revela dimensões da experiência humana que escapam às formas tradicionais de objetivação racional. Assim surge a possibilidade de um diálogo entre o pensamento de María Zambrano e Adriana Cavarero, a partir da leitura que Cavarero realiza do conto “O rei à escuta”, de Italo Calvino, possibilitando pensar a voz não como simples suporte do significado, mas como manifestação singular da existência, capaz de instaurar relações que escapam à lógica da decifração e do controle.

Ao mesmo tempo, a partir dessas considerações pretendemos explorar o modo em que a escrita pode operar como experiência de abertura ao real, tensionando os limites da razão lógico-matemática e da racionalidade instrumental⁵. Veremos, em diálogo com Zambrano, Derrida, Merleau-Ponty e Blanchot, que a escrita oferece um espaço de escuta e transformação da subjetividade, permitindo a emergência de formas de pensamento que não se deixam reduzir à lógica da representação. Pois, mais do que simples expressão da consciência, a escrita surge aqui como experiência liminar, situada entre pensamento e imaginação, entre memória e linguagem, entre presença e ausência. De fato, ao recuperar a dimensão poética da experiência, a escrita torna-se capaz de reinscrever no pensamento filosófico aquilo que a tradição frequentemente relegou às margens: o corpo, o sonho, a escuta, o silêncio e a potência criadora das imagens.

No fundo, a crítica à razão proposta por Zambrano não só força uma reformulação epistemológica, como dá conta da necessidade de outras formas de escrita, de outros modos de relação com a linguagem.

A crise da racionalidade

En los momentos críticos de la historia se ha hablado siempre de una «Reforma del entendimiento», de una crítica que el intelecto se hace a sí mismo, volviéndose sobre sí, para tomar conciencia de sus propias fuerzas y, más aún, de sus deficiencias. Revela esta actitud humana dos actitudes al parecer contrarias: desconfianza y fe en la razón.

María Zambrano, Senderos, 1989, p. 73

Grande parte da tradição filosófica ocidental constituiu-se a partir da tentativa de estabilizar o real por meio da razão. Desde a consolidação da metafísica grega, o pensamento filosófico passou a privilegiar categorias como identidade, unidade, permanência e determinação conceitual, buscando garantir um acesso seguro à verdade através da submissão da experiência às exigências da lógica e da objetividade. Tal movimento, embora fundamental para a constituição da filosofia e das ciências modernas, produziu também um progressivo afastamento entre o pensamento e a vida, instaurando uma cisão no coração da experiência humana. Zambrano escreve:

⁵ Usaremos a nomenclatura “razão instrumental” ou “racionalidade instrumental” com intuito de atualizar o direcionamento do conceito, sem com isso cair em anacronismos, considerando que a autora em sua obra utiliza predominantemente o termo: “razão lógico-matemática”.

o que triunfou com Parmênides, triunfou (...) conquistando a realidade indefinida, definindo-se como ser; ser que é unidade, identidade, imutabilidade, residente além das aparências contraditórias do mundo sensível do movimento; ser captado unicamente por um olhar intelectual chamado *noein*, que é «ideia». Ser ideal, verdadeiro, em contraposição à fluida, movediça, confusa e dispersa heterogeneidade, que é o encontro primeiro de toda vida. (ZAMBRANO, 2015, p. 564).

E também:

Parmênides venceu; serão Platão e Aristóteles quem especificarão esse ser único mediante a teoria das ideias, mediante a distinção entre substância e essência, qualidades e acidentes; mediante a teoria da definição. “O ser se diz de muitas maneiras”, diz Aristóteles, levando assim a unidade do ser parmenidiano ao seu extremo desdobramento: além desta especificação não era possível chegar. Mas todas estas maneiras de ser o são somente e se dizem. Dizer e ser estão neste horizonte do *logos* em uma perfeita correlação: é o ser que se diz propriamente. (ZAMBRANO, 1973, p. 203).

A crítica desse longo processo de alienação ocupa um lugar central no pensamento de Zambrano. Inserida no contexto das crises éticas e políticas do século XX, a sua obra identifica na tradição racionalista ocidental um processo de endurecimento da razão, marcado pela tentativa de converter o real em objeto plenamente apreensível pela consciência. A razão, nesse contexto, deixa de operar como abertura ao mundo para transformar-se em mecanismo de domínio, classificação e controle. Não se trata apenas de uma crítica epistemológica, mas de uma crítica histórica da própria constituição da subjetividade moderna e das formas de vida produzidas por essa racionalidade.⁶

Ao investigar os fundamentos da crise europeia, Zambrano relaciona o desenvolvimento da racionalidade ocidental à progressiva separação entre razão e experiência, entre pensamento e vida sensível. Em sua crítica, identifica um processo de redução da multiplicidade do real às categorias da identidade, da unidade e da permanência, tornando secundárias dimensões como o devir, a heterogeneidade, a imaginação e a sensibilidade. Nesse contexto, Zambrano afirma que “o núcleo da cisão cultural consiste na auto-fundamentação da razão” a partir do afastamento da “percepção dos sentidos” (ZAMBRANO, 2015, p. 688).

A crítica zambraniana se apresenta, portanto, como uma genealogia da racionalidade. Mais do que discutir modelos abstratos de conhecimento, busca compreender como determinadas formas de pensamento produziram modos específicos de relação com o humano, com a história e com o mundo. Em *O homem e o divino*, obra de 1973, por exemplo, Zambrano analisa o processo de autonomização da consciência em relação ao sagrado, mostrando a forma em que a tradição filosófica radicalizou progressivamente o ideal de independência da razão até convertê-la em instância absoluta, desvinculada do padecimento, da necessidade e da experiência concreta da vida. Da mesma forma, ao retomar criticamente a noção aristotélica de conhecimento desinteressado, evidencia como a valorização de uma inteligência impassível implicou também a desvalorização das paixões, da vulnerabilidade e da dimensão afetiva da existência. O problema, contudo, é que tal concepção torna-se insuficiente diante da experiência histórica humana, pois não há como conhecer a história -espaço privilegiado do sofrimento,

⁶ Para uma visão sistemática da crítica de María Zambrano, ver Autor 1....

da ação e da contingência- a partir de uma neutralidade absoluta. É justamente essa separação entre conhecimento e vida que Zambrano procura problematizar:

A condição do conhecimento objectivo, puro, foi definida por Aristóteles como “saber desinteressado” - “o mais nobre”. Ortega y Gasset, há algum tempo, fez a crítica deste desinteresse nas lições que, sem dúvida, serão os prolegómenos da sua “Razão vital”, mostrando como o pensamento surge em relação à necessidade. Mas este puro saber não só é desinteressado, como também é *impassível*. A inteligência, pura actualidade, segundo Aristóteles, capta impassivelmente o objecto que tem diante de si - ou em si mesma. E esta impassibilidade da inteligência reflecte-se também na ordem afectiva; a não-passividade da inteligência conduz à alma à impassibilidade, libertando-a do padecer, das paixões. Mas, será porventura possível ao homem não padecer no conhecimento das coisas que lhe acontecem, lhe aconteceram ou lhe poderão acontecer? (...) E como poderia a história, a acção mais humana do homem, ser conhecida, desinteressada, impassivelmente? Não se trataria então de um conhecimento desnecessário e, ao mesmo tempo, impossível? (ZAMBRANO, 1995, p. 212 -213).

Desse modo, a crítica de Zambrano não se dirige apenas a um modelo epistemológico específico, mas aos efeitos existenciais produzidos por uma razão que busca afirmar-se como instância autônoma e autossuficiente. Ao separar conhecimento e padecimento, pensamento e vida, a racionalidade moderna passa a operar segundo uma lógica autorreferente, reduzindo o real àquilo que pode ser organizado conceitualmente. Tal movimento possui consequências que ultrapassam o plano estritamente teórico, produzindo um progressivo empobrecimento da experiência humana. A imaginação, o sonho, o delírio, a memória e a dimensão sensível da existência tornam-se elementos marginais em uma tradição filosófica que privilegia a clareza e a distinção como critérios fundamentais de legitimidade do pensamento. Nesse horizonte, a própria subjetividade passa a ser concebida de maneira restrita, frequentemente reduzida à figura de uma consciência lógica, transparente a si mesma e separada das ambiguidades do corpo, da temporalidade e da experiência. É precisamente contra essa redução que Zambrano reivindica outras formas de racionalidade, capazes de acolher as zonas obscuras, descontínuas e vulneráveis da existência humana sem convertê-las imediatamente em objeto de domínio conceitual.

A crítica à racionalidade, nesse horizonte, não implica uma simples recusa da razão, mas problematiza o processo histórico de redução da experiência humana aos limites de uma racionalidade incapaz de acolher aquilo que escapa às formas tradicionais de objetivação. O predomínio do método tende a converter a linguagem em veículo de significados estabilizados, subordinando a experiência às exigências da representação. Trata-se de uma razão que rejeita as zonas de sombra da existência em vez de atravessá-las, recusando tudo aquilo que se manifesta de forma descontínua, ambígua ou fragmentária. Nesse movimento, o pensamento perde sua capacidade de abertura ao real, afastando-se das condições variáveis e contraditórias da experiência humana:

No intelectual, a *forma mentis*, consequência do predomínio do Método, seja ou não cartesiano, opera decisivamente; e assim temos uma crescente redução das diversas e plurais formas da iluminação à claridade (*la clarté*) homogénea, extensa. Uma claridade que recusa as trevas sem penetrar nelas, sem desfazê-las em penumbra, sem abrir nelas fios de luminosidade. A claridade

será constante e homogênea. E qualquer luz descontínua será desatendida, desvirtuada. (ZAMBRANO, 2019, p 44).

Essa crítica encontra ressonância em diferentes movimentos filosóficos que denunciaram os limites da metafísica da presença e da centralidade do *logos*. Entretanto, em Zambrano, tal problematização adquire um caráter singular ao articular-se diretamente à necessidade de transformação da própria linguagem filosófica. A crise da razão não pode ser enfrentada apenas pela substituição de conceitos ou pela reorganização metodológica do pensamento; ela exige outra relação com a experiência e, conseqüentemente, outras formas de pensar a escrita. Nesse sentido, desloca a reflexão filosófica para os modos de expressão do pensamento, compreendendo que cada forma de expressão filosófica delimita também um modo de acesso ao real, produzindo ritmos próprios de experiência, escuta e inteligibilidade:

E assim, torna-se visível o problema da expressão filosófica, dos seus modos e formas originais. A questão dos gêneros literários próprios do pensar filosófico, a rica diversidade formal em que se verteu o saber, que vai do Diálogo ao Sistema, do Tratado Breve às prolixas Investigações, precisa de ser analisada. Cada uma destas formas tem o seu ,<tempo>, o seu ritmo próprio, e já seria bastante, dado que o ritmo é um dos mais profundos, decisivos, fenômenos da vida, e especificamente da criação humana, cujo primeiro secreto descobrimento na aurora da história, talvez, seja o do ritmo. O que sentimos primeiro ao ler *Discurso do Método* e as *Meditações*, de Descartes, é que mudou o ritmo, o ritmo do pensamento e esse outro, mais íntimo e inefável, o ritmo que poderíamos chamar do coração, que as crises põem a descoberto no seu som delator, e que normalmente não se sente; fundo constante sobre o qual se destaca a voz do inteligível. (ZAMBRANO, 2000, p. 47-48).

Ao aproximar pensamento, ritmo e forma, Zambrano sugere que não existe filosofia desvinculada de uma determinada experiência da linguagem. A transformação da racionalidade moderna implicou também uma transformação sensível nas formas de escrita, instaurando um ritmo orientado pela linearidade, pela clareza e pela transparência racional. Por isso, a crítica à racionalidade lógico-matemática desdobra-se igualmente em uma crítica das formas endurecidas da escrita filosófica, indicando a necessidade de uma linguagem capaz de acolher as zonas ambíguas, afetivas e descontínuas da experiência humana.

Nesse sentido, a noção de razão poética emerge como tentativa de recuperar aquilo que foi silenciado pelo devir histórico da razão. Mais do que um conceito, trata-se de um deslocamento na forma de pensar e de dizer o real. Ao reintegrar ao pensamento filosófico elementos como o sonho, a imaginação, a memória e a experiência sensível, por outro lado, procura reinscrever a filosofia em uma dimensão mais próxima da vida, recusando a separação rígida entre pensamento e existência.

A crítica da razão conduz, assim, a uma questão fundamental: como pensar formas de linguagem e de escrita capazes de acolher aquilo que a tradição racionalista frequentemente exclui? Se a racionalidade moderna opera pela estabilização da experiência, torna-se necessário investigar aquilo que resiste a essa captura conceitual. É nesse horizonte que a questão da voz emerge como possibilidade de pensar modos de relação que escapam à lógica do controle e da objetivação.

Voz, escuta e subjetividade

Se a racionalidade lógico-matemática opera por meio da estabilização da experiência e da redução do real às categorias da consciência lógica, torna-se necessário investigar aquilo que escapa a essa dinâmica de objetivação. Nesse contexto, a questão da voz emerge como possibilidade de pensar formas de relação que resistem à lógica da abstração conceitual. Mais do que simples suporte do significado, a voz revela uma dimensão da experiência humana vinculada à singularidade, à presença e à abertura ao outro. Trata-se de deslocar a atenção da palavra enquanto estrutura semântica estabilizada para a materialidade sonora da linguagem, para aquilo que excede o conceito e a representação.

A reflexão sobre a voz ocupa um lugar importante nas discussões contemporâneas acerca da subjetividade e da linguagem. Em *Vozes Plurais*, de Adriana Cavarero (2011), a voz aparece como manifestação singular da existência, anterior à estabilização abstrata do *logos*. Ao analisar o conto “O rei à escuta”, de Italo Calvino, Cavarero desloca a discussão filosófica da linguagem para o campo da escuta, enfatizando aquilo que a voz possui de único, corpóreo e irreduzível. A voz não se limita ao conteúdo daquilo que é dito; ela carrega marcas da experiência vivida, da memória, do corpo e da relação com o outro.

No conto de Calvino, o rei encontra-se aprisionado em uma lógica obsessiva de vigilância e decifração. Seu ouvido opera como instrumento de controle político, reduzindo os sons do reino a sinais passíveis de interpretação e suspeita. Inserido numa dinâmica de poder marcada pela paranoia e pela necessidade constante de domínio, o rei já não escuta vozes, mas apenas ruídos a serem capturados e organizados dentro de um sistema de significados. O palácio converte-se em metáfora de uma subjetividade encerrada em si mesma, incapaz de estabelecer relações que escapem à lógica da instrumentalização⁷.

A ruptura desse sistema ocorre quando o rei escuta o canto de uma mulher: “quando no escuro uma voz de mulher se entrega ao canto, invisível no parapeito de uma janela apagada” (CALVINO, 2010, p. 78). Não se trata, porém, da compreensão semântica da canção, mas do impacto provocado pela própria materialidade da voz. Pela primeira vez, a escuta deixa de operar segundo a lógica da decifração para transformar-se em experiência de abertura e encantamento. A voz interrompe a estabilidade do sistema racional no qual o rei estava aprisionado, deslocando-o para uma relação marcada pela vulnerabilidade e pela alteridade. Como observa Cavarero, a voz humana deixa de funcionar como simples sinal acústico e passa a revelar a singularidade irreduzível de quem fala: “uma vez que essa voz, provém do mundo dos vivos, o qual está fora da lógica mortífera do poder, para o ouvido real abre-se um horizonte de percepção cujo estatuto essencial é

⁷ Cavarero para introduzir o livro de Calvino escreve: “Em um de seus últimos e geniais escritos, Italo Calvino nos presenteia com a extraordinária figura de “Um rei à escuta”. Inserido em uma coleção dedicada aos cinco sentidos, o rei em questão representa a audição. Imóvel em seu trono, ele usa o ouvido para interceptar e decifrar os sons que o envolvem. Assediado pela lógica de seu próprio poder, a única atividade do monarca consiste no controle acústico do reino. No palácio, que como um grande ouvido, tem ‘pavilhões, trompas, tímpanos, espirais, labirintos’, cada som é um indício de fidelidade ou de conjura. Muitos e incertos são os espiões a ser interpretados: sussurros, ruídos, vibrações, baques, lagos de silêncio. Há também, é claro, vozes humanas no palácio. Mas ‘cada voz que sabe ser ouvida pelo rei, adquire um verniz frio, uma complacência vitrificada’. Em suma, torna-se uma voz cortesã, adulterada, falsa: não tanto por aquilo que diz, mas em sua própria materialidade sonora. O rei à escuta sabe disso, ou melhor, ouve isso”. (CAVARERO, 2011, p. 15).

completamente oposto àquele ditado pelos jogos acústicos do palácio” (CAVARERO, 2011, p. 16).

A importância dessa reflexão reside no fato de que ela permite pensar a subjetividade para além do modelo moderno da consciência autocentrada. A voz não aparece aqui como expressão transparente de um sujeito plenamente constituído, mas como experiência relacional. Ela só existe em meio ao encontro entre escuta e emissão, entre presença e resposta. Nesse sentido, a subjetividade deixa de ser concebida como identidade fixa e auto-suficiente para ser compreendida como processo de abertura ao outro:

A verdade do vocálico, longe de ser abstrata como as verdades postas pela razão, proclama apenas que cada ser humano é um ser único e é capaz de manifestar isso com a voz, chamando e contagiando o outro, e sobretudo gozando essa recíproca manifestação (CAVARERO, 2011, p. 21).

É precisamente nesse ponto que a reflexão sobre a voz aproxima-se do pensamento de Zambrano, pois a voz que se infiltra nas palavras mais simples⁸. Em diversos momentos de sua obra, especialmente em textos autobiográficos, delírios e reflexões sobre a experiência poética, Zambrano procura pensar formas de subjetividade que escapam à rigidez da consciência racional moderna⁹. A voz surge, então, como aquilo que atravessa o sujeito, rompendo a estabilidade do “eu” fechado em si mesmo¹⁰. Mais do que identidade, a subjetividade passa a ser entendida como trânsito, relação e abertura¹¹.

Essa dimensão aparece de maneira particularmente significativa nas reflexões zambranianas sobre sonho, memória e delírio (principalmente nos escritos definidos como “autobiográficos”). Ao contrário da racionalidade lógico-matemática, que busca estabilizar a experiência em categorias fixas, a razão

⁸ “Y es la voz que se infiltra en ciertas palabras de uso cotidiano y mayoritariamente todavía en las más simples, que dan certeza. Y si no se hacen por ello inextinguibles, tienen una suerte de firmeza y hasta de fórmula sacra.” (ZAMBRANO, 1986, p. 42). E nessa passagem a autora nos faz lembrar da poesia de Rilke “XXI. Do contrário, se uma dor forte não calar de pronto as pessoas, uma escuta da poderosa melodia do fundo a outra menos. Muitas nem sequer escutam mais. São como árvores que esqueceram suas raízes e então acham que o rumorejar de seus galhos é sua força e sua vida. Algumas pessoas não têm tempo de ouvi-las. Não toleram nenhuma hora ao seu redor. São pobres apátridas que perderam o sentido da existência. Batem as teclas dos dias e tocam sempre o mesmo tom monótono e perdido” (RILKE, 2011 p. 127), pois é como se ambos falassem sobre a necessidade de buscar uma experiência na linguagem.

⁹ “A forma de um delírio. Como fazê-lo visível? A corrente solta tem um centro, os temas não podem suceder-se uns aos outros sem haver captado o centro. Como dar forma à angústia e nela à esperança que se abre?” (ZAMBRANO, 2013, p.287, tradução nossa).

¹⁰ “Y es la voz interior que se identifica con algunas voces, con algunas palabras que se escuchan no se sabe bien si dentro o fuera, pues que se escuchan desde adentro. Y se sale también a escucharlas, se sale de sí.” (ZAMBRANO, 1986, p. 43)

¹¹ Na apresentação aos escritos “autobiográficos” da obra zambraniana, podemos ver a análise de Goretta Ramírez sobre a linguagem e o “método” escolhidos pela autora. Segundo a comentadora, o que marca a obra da filósofa é exatamente o fato de não existir separação entre vida e filosofia, pelo contrário, a transversalidade dos temas nos faz perceber a capacidade de abertura para outras formas de conceituação que se enriquecem de vida e de experiência: “El pensamiento y la vida de María Zambrano se entrelazan en un complejo tejido en que a menudo resulta imposible separar unos hilos de otros. (...) El trasvase entre las categorías de vida y pensamiento resulta así una característica definitiva de los escritos de la autora.” (RAMÍREZ, 2014, p. 129), nesse sentido, mais do que individualidade e identidade, tais escritos - que considerando a movimentação da voz - demonstram um profundo cuidado com a subjetividade e com a vida. A razão poética “recupera y reconcilia saberes tradicionalmente abandonados por el racionalismo occidental” (RAMÍREZ, 2014, p.130).

poética acolhe aquilo que se move nas zonas ambíguas da existência: imagens, lembranças, fragmentos, afetos e vozes. O pensamento deixa de operar exclusivamente por meio da representação para aproximar-se da escuta. Escutar, aqui, não significa apenas ouvir sons, mas permitir que algo do real se apresente sem ser imediatamente submetido às exigências da classificação, da compreensão ou da interpretação¹².

A relação entre voz e subjetividade também opera um deslocamento em relação ao entendimento tradicional sobre a linguagem. Em vez de pensar a palavra apenas como veículo de significados, torna-se possível compreendê-la como acontecimento sensível, marcado pela presença do corpo e pela singularidade da experiência. A voz introduz na linguagem aquilo que excede a transparência do signo: hesitação, ritmo, silêncio, respiração, intensidade. Há, portanto, uma dimensão da experiência humana que não se deixa capturar completamente pelas estruturas formais do discurso racional.

Nesse horizonte, a escuta adquire uma importância filosófica decisiva. Escutar implica suspender, ainda que momentaneamente, a lógica da redução do mundo ao conceito. Diferentemente do pensamento instrumental, que tende a converter tudo em objeto de domínio e interpretação, a escuta pressupõe abertura à alteridade e à indeterminação. É precisamente essa abertura que a voz introduz no interior da experiência¹³.

A crítica da razão conduz, assim, à necessidade de outras formas de relação com a linguagem e com o pensamento. Se a tradição metafísica privilegiou a estabilidade do conceito e a centralidade da consciência lógica, a reflexão sobre a voz revela aquilo que permanece em movimento, aquilo que não se deixa reduzir inteiramente ao domínio do *logos*. A voz reinscreve o corpo, o afeto, a memória e a singularidade no interior da linguagem, restituindo ao pensamento uma dimensão de experiência frequentemente marginalizada pela tradição filosófica ocidental.

É nesse contexto que a escrita passa a assumir um papel fundamental. Se a voz inaugura uma relação não instrumental com a linguagem, torna-se necessário investigar de que maneira a escrita pode acolher essa dimensão da experiência sem reduzi-la novamente à lógica da estabilização conceitual. A questão deixa então de ser apenas o que a linguagem significa, passando a envolver também aquilo que ela faz emergir enquanto experiência de pensamento: “solidão que quer ser comunidade na luz” (ZAMBRANO, 2000, p. 50).

Escrita e razão poética

A crítica da razão e a recuperação da voz como experiência de abertura conduzem necessariamente à questão da escrita. Se a tradição filosófica ocidental privilegiou formas de linguagem voltadas à estabilidade conceitual e à transparência do significado, torna-se necessário investigar de que modo a escrita pode operar para além dessa lógica representacional, passando a envolver a possibilidade de acolher aquilo que, na experiência, foge à categorização.

Pelo contrário, grande parte da filosofia moderna compreendeu a linguagem como instrumento subordinado à consciência. A escrita aparecia, nesse contexto,

¹² “Esa realidad otra a la que se abre el delirio no está definida pela razón [lógico-matemática], sino por la realidad experiencial del sujeto.” (RAMÍREZ, 2014, p. 172).

¹³ “[O filósofo] sonhou alguma vez, no alvorecer da sua vida quando ainda não era filósofo, que uma voz invisível o chamasse para tirar da procissão para destacar do resto dos peregrinos.” (ZAMBRANO, 2000, p.123).

como meio secundário de registro ou expressão de pensamentos previamente organizados pelo sujeito racional. A centralidade do logos implicava também a primazia da presença, da clareza e da distinção, convertendo a linguagem em mecanismo de estabilização do real. É precisamente contra essa tradição que diferentes autores contemporâneos passaram a problematizar a relação entre escrita, subjetividade e experiência.

Para começar, em Zambrano a escrita surge como uma forma de cuidado de si¹⁴, na medida em que escrever é, também “defender a solidão em que se está; é uma ação que só brota de um isolamento efetivo, mas de um isolamento comunicável” (ZAMBRANO, 2000, p. 37)¹⁵. Se o escritor grava, grava um segredo que não se desvela completamente - nem sequer para ele próprio. A escrita comporta sempre um devir-outro.

E é no mesmo sentido que Jacques Derrida, elaborando a sua crítica ao logocentrismo, denuncia uma tradição que desentende a voz, privilegiando transparência imediata da consciência a si mesma¹⁶, o solipsismo que supõe a ideia do solilóquio para a modernidade. Ao questionar essa metafísica da presença, Derrida evidencia que a linguagem jamais se reduz a um sistema plenamente controlável pela intenção consciente. O signo não garante estabilidade absoluta do sentido; ao contrário, ele opera por deslocamentos, diferenças e adiamentos. Nesse contexto, a escrita deixa de ser simples representação derivada da fala para tornar-se espaço em que o sentido permanece sempre em movimento:

Pois não é à substância sonora ou a voz física, ao corpo da voz no mundo, (...) mas à voz fenomenológica, à voz na sua carne transcendental, ao fôlego, à animação intencional que transforma o corpo da palavra em carne, que faz do *Körper* um *Leib*, uma *geistige Leiblichkeit*. A voz fenomenológica seria esta carne espiritual que continua a falar e a estar presente a si - a ouvi-se - na ausência do mundo. (DERRIDA, 2012, p. 20).

O que resulta disso para a experiência da escrita? Se a linguagem não pode mais ser compreendida como instrumento neutro de representação, em princípio, escrever deixará de significar apenas um meio para a organização instrumental de ideias previamente dadas (concebidas). Antes, a escrita passará a comportar um

¹⁴ A escrita implica em Zambrano um movimento duplo, ao mesmo tempo ascense e imersão no corpo, nas entranhas.

¹⁵ Blanchot define este deslocamento como a passagem do "Eu" para o "Ele" (o neutro). A escrita não é afirmação de si, mas a experiência da ausência e da despersonalização, onde o autor se torna apenas o lugar de passagem para uma linguagem que se afirma por si mesma (BLANCHOT, 1987, p. 23). O isolamento não é vazio, mas um estado de atenção aguda e de exceção. Para Cortázar, esse retiro é a condição para que o escritor funcione como uma espécie de antena do humano; uma solidão que, embora radical, é o único meio de alcançar uma comunicação que não seja banal. Se o escritor busca a solidão para facilitar o seu distanciamento de todos os horizontes dados de sentido, de todos os vetores de estabilização da linguagem e de sedimentação do imaginário, é no fundo para tentar apreender os enigmas da existência, numa experiência da singular (contudo, impessoal) da qual deve dar testemunho. A solidão não é a condição autêntica do homem, mas só na solidão pode manifestar-se autenticamente essa condição. Nessa mesma medida, se a literatura assume a solidão, é para transcendê-la. Solidão fecunda, diz Cortázar (1998, I, p. 89n), porque se começa como angústia pode acabar em encontro. “A angústia do homem contemporâneo não morde a própria cauda: padecê-la na solidão é premissa e incitação para depois superá-la com altruísmo: ali se abre a etapa de reunião, de comunicação — de comunidade em seu legítimo e já atingido reino (CORTÁZAR, 1998, I, p. 97).

¹⁶ Em *A voz e o fenômeno* Derrida (2012) analisa o pensamento de Husserl sobre a metafísica a linguagem e o signo

verdadeiro processo de experimentação, deslocamento e abertura¹⁷. Diferente da fala, que muitas vezes nos trai pela urgência, a escrita permite que as palavras sejam “retidas, se tornem próprias, sujeitas a um ritmo, seladas pelo domínio humano de quem as maneja” (ZAMBRANO, 2000, p. 40). Logo, se tratará menos de transmitir certezas que de produzir aproximações àquilo que ainda não se encontra inteiramente formulado mas opera como centro de gravitação da experiência, do entendimento ou da especulação.

Tal perspectiva aproxima-se das reflexões de Maurice Merleau-Ponty sobre a linguagem indireta e a experiência expressiva. Em oposição à concepção instrumental da linguagem, Merleau-Ponty compreende a escrita como gesto criador, como movimento capaz de fazer surgir sentidos que ainda não estavam plenamente disponíveis à consciência, retomando, assim, o grito das origens “que a impronta do poeta retoma e reinventa à sua maneira” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 68). A linguagem poética não aparece apenas como tradução do pensamento; ela participa de sua própria emergência - “momento fecundo em que as palavras *dão forma* à experiência, em que um sentido que era apenas latente encontra os emblemas que o libertarão e o tornarão manejável para o artista e acessível aos outros” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 71) Nesse sentido, escrever implica habitar uma zona de indeterminação entre a experiência, a imaginação e a palavra.

É precisamente nessa região liminar que a reflexão zambraniana sobre a razão poética se torna decisiva. Em Zambrano, a escrita não funciona como simples exposição sistemática de conceitos, mas como tentativa de aproximação daquilo que escapa às formas tradicionais do pensamento. Zambrano (1934, p. 39-40) nos lembra que “há coisas que não podem ser ditas, e isso é verdade”, mas também que “isso que não pode ser dito é o que precisa ser escrito” (*ibidem*)¹⁸. Sonho, memória, delírio, silêncio, imagem e metáfora tornam-se elementos constitutivos de um pensamento que busca reconciliar razão e vida. A escrita passa a operar como experiência de escuta do real, recusando as pretensões de totalização próprias da racionalidade lógico-matemática ou da razão instrumental.

¹⁷ Blanchot define este deslocamento como a passagem do “Eu” para o “Ele” (o neutro). A escrita não é afirmação de si, mas a experiência da ausência e da despersonalização, onde o autor se torna apenas o lugar de passagem para uma linguagem que se afirma por si mesma. Como sugere Schwartz (1998), o paradoxo central da literatura seria: como fazer para falar da fundação escura dada pela ‘existência’ quando todo dizer assenta na sua própria exclusão? A literatura deveria ser uma tentativa de trazer à luz aquilo que a linguagem ordinária deixa de lado, procurando ser a ‘revelação do que a revelação destrói.’ A resposta de Blanchot é uma afirmação problemática: a literatura é esse esforço que se concretiza em cada obra de atingir o fora, mas nenhuma obra é esse esforço realizado - a literatura é infinita ou impossível (sempre por vir): uma aproximação assintótica à sua essência (determinada e traída em cada obra). Negação de negação, a palavra poética traz à superfície (afirma) tudo aquilo que a palavra mundana (o dia) deixa de lado para fazer sentido. Nessa mesma medida, “a obra não é de modo algum, para o homem que se põe a escrever, um recinto fechado no qual permanece em seu eu tranquilo e protegido, ao abrigo das dificuldades da vida. Talvez ele acredite estar protegido contra o mundo, mas é para expor-se a uma ameaça muito maior, e mais perigosa, porque ela o encontra desprevenido: aquela que lhe vem do fora, do fato de que ele se mantém no fora. E contra essa ameaça ele não deve defender-se, deve, pelo contrário, entregar-se a ela” (BLANCHOT, 2005, p. 316).

¹⁸ Pela sua parte, o indizível em Blanchot aparece como a exigência da obra, aquilo que resiste ao poder da palavra comunicativa e exige a interrupção de toda utilidade. Escrever não é expressar o segredo, mas preservar o enigma do segredo através da escrita. “Escrevendo, [o escritor] não pode sacrificar a noite pura das suas possibilidades próprias, porque a obra só vive se essa noite - e não outra - se faz dia, se o que há nele de mais singular e mais afastado da existência já revelada se revela na existência comum” (BLANCHOT, 2011, p. 317).

Por isso mesmo, a razão poética não deve ser compreendida como abandono da filosofia em direção à literatura, mas como deslocamento da própria forma filosófica. O pensamento deixa de buscar exclusivamente a fixação conceitual da realidade para abrir-se àquilo que nela permanece em trânsito. A linguagem poética torna-se, então, possibilidade de acolher a ambiguidade da experiência sem reduzi-la imediatamente à ordem do conceito. Isso quer dizer que opacidade e o brilho da linguagem poética não são apenas defeitos provisórios dos quais a crítica poderia libertar-nos por um trabalho de esclarecimento, de desambiguação ou fixação, mas “o preço que se deve pagar para ter uma linguagem conquistadora, que não se limite a enunciar o que já sabíamos, mas nos introduza a experiências estranhas, a perspectivas que nunca serão as nossas, e nos desfaça enfim de nossos preconceitos” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 101).

Essa transformação introduzida pela razão poética não se limita à linguagem, mas atinge também a compreensão da subjetividade. Diferentemente da consciência moderna autocentrada e transparente a si mesma, a escrita aparece aqui como espaço de atravessamento e exposição. Escrever significa entrar em contato com zonas da experiência que não se encontram inteiramente dominadas pela consciência racional, deixando a posição de domínio ou controle que caracterizam o sujeito moderno, e abrir-se sem reparos a tudo aquilo que supõe a experiência, com toda a sua carga de contingência, de imprevisibilidade e de irresolução. Significa sair de si e ir ao encontro do outro, sem ideias preconcebidas. Zambrano escrevia, nesse sentido, que “é que o escritor não há-de pôr-se a si mesmo [em primeiro plano], embora seja de si que arranca o que escreve” (ZAMBRANO, 1934, p. 40)¹⁹. A subjetividade deixa de funcionar como origem estável do discurso em ordem a afirmar uma fidelidade que, no exercício da escrita, “cria naquele que a guarda a solidez, a integridade do seu próprio ser” (ZAMBRANO, 1934, p. 40).

É também nesse sentido que devemos ler a aproximação entre escrita e despertar²⁰ que Zambrano pratica em diversos momentos de sua obra, como por exemplo em *Claros del bosque*:

Hesitante, mal articulada, a palavra acorda. Não parece que venha a orientar-se nunca no espaço humano que gradualmente se apodera do ser que desperta lenta ou instantaneamente. Porque se o despertar ocorre num instante, o espaço o assalta como se estivesse ali à espera para defini-lo, para lhe mostrar que é só um ser humano. (ZAMBRANO, 1986, p. 15).

A experiência da escrita aparece vinculada à tentativa de dar forma a algo que emerge entre sonho e vigília, entre pensamento e sensação, entre memória e presença. Nesse contexto, a linguagem não opera apenas como instrumento de comunicação, mas como modo de relação com o mundo. Escrever torna-se

¹⁹ A recusa de Zambrano ao “primeiro plano” ressoa com a tese blanchotiana de que escrever é entregar-se ao fascínio da ausência de tempo. O escritor apaga-se para que a verdade da obra brilhe; ele morre como sujeito para que a escrita viva. “Comprendemos a desconfiança dos homens engajados num partido, tendo tomado partido, em relação aos escritores que compartilham suas opiniões; pois esses também tomaram o partido da literatura, e a literatura, por seu movimento, nega, no final de contas, a substância do que representa. Essa é sua lei e sua verdade. Se renunciar a isso para se ligar definitivamente a uma verdade exterior, cessa de ser literatura, e o escritor que ainda pretende sê-lo entra em outro aspecto da má-fé.” (BLANCHOT, 2011, p. 320)

²⁰ “Es de dócil condición la palabra, lo muestra en su despertar cuando indecisa comienza a brotar como un susurro en palabra sueltas, en balbuceos, apenas audibles, como un ave ignorante, que no sabe dónde ha de ir, mas que se dispone a levantar su débil vuelo.” (ZAMBRANO, 1986, p. 16).

exercício de atenção ao que normalmente permanece obscurecido pelos automatismos da vida cotidiana e pelas estruturas rígidas da racionalidade lógico-matemática.

Por todas estas coisas, a escrita manifesta uma dimensão profundamente experimental. Já não consiste num expediente meramente instrumental para dar forma e expressão a verdades estabelecidas ou axiomáticas sobre o real, mas de criar condições para, traço a traço o seu segredo venha a ser revelado²¹. A metáfora, a imagem, o ritmo e a fragmentação deixam de representar insuficiências do discurso para converter-se em estratégias do pensamento para praticar uma aproximação à complexidade da experiência humana - aproximação indireta, incompleta, alusiva, porém capaz de tornar a experiência significativa sem abafar o fundo assignificante sobre o que paira. A escrita torna-se pelo mesmo lugar de hesitação, abertura e criação.

É precisamente nesse ponto que a razão poética se apresenta como alternativa de resistência ao cálculo político, à planificação técnica, à razão instrumental e os seus desdobramentos existenciais, culturais e ideológicos. Ao reintegrar ao pensamento elementos historicamente marginalizados - como imaginação, sensibilidade, sonho e voz -, a razão poética procura recuperar formas de experiência silenciadas pela tradição logocêntrica e, pela sua recuperação, revelar a abertura sob o enclausuramento ao qual nos conduziram as crises históricas.

Pela sua vez, inclusive quando possa ter surgido como um mecanismo para levar as contas do Estado, a escrita nunca foi apenas um dispositivo de estabilização conceitual do mundo. Na sua opacidade e ambivalência, de fato, a escrita sempre manifestou uma potência singular para transfigurar as significações dadas em novas configurações de sentido, “descentrando e reagrupando os objetos do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 77), conduzindo sempre mais longe a experiência, e desvelando detrás do destino que parece nos estar imposto a tarefa prometeica de renomear o real, que é a prerrogativa da nossa liberdade.

É muito mais do que estamos habituados a conceder à escrita e, nesse sentido, quiçá não seja mau que, em geral, o escritor desconheça “o efeito que vai causar, que vai seguir-se à sua revelação, e nem pode dominá-lo com sua vontade” (ZAMBRANO, 2000, 40). Os escritores e as escritoras, no fim das contas, nem sempre são conscientes dessa tarefa essencial, e quiçá, como dizia Merleau-Ponty, é melhor que as coisas continuem dessa forma - “talvez não seja mau que os escritores não saibam muito bem que estão fundando a humanidade” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 65 - modificado).

Conclusão

A crítica à razão lógico-matemática e, indiretamente, à racionalidade instrumental que envolve o pensamento de María Zambrano evidencia os limites de uma tradição filosófica fundada na centralidade do logos, da identidade e da objetivação conceitual. Ao privilegiar formas de pensamento caracterizadas pela metafísica da presença, pela vontade poder e pela transparência da consciência a si mesma, grande parte da modernidade ocidental contribuiu para um afastamento

²¹ “[...] o escritor conhece à medida que escreve, e escreve já para comunicar aos outros o segredo achado, a quem em verdade se mostra é a esta comunicação, comunidade espiritual do escritor com o seu público.” (ZAMBRANO, p. 41-42, 2000).

progressivo entre a razão e a vida, reduzindo a complexidade da experiência humana às exigências de uma racionalidade incapaz de acolher plenamente aquilo que escapa à lógica da representação. Zambrano soube assinalar os efeitos desse devir histórico e intelectual, não apenas em relação aos excessos epistemológicos da modernidade, mas também no que diz respeito ao empobrecimento existencial que tais excessos tiveram por corolário, produzindo a perda de contato com as dimensões sensíveis, imaginativas e relacionais da experiência. Mas o seu diagnóstico também comportava uma alternativa possível para a reintegração ao pensamento de tudo aquilo que fora historicamente marginalizado: o sonho, a memória, o corpo, o delírio, a voz e a linguagem poética. E quiçá também um método ou procedimento: a escrita.

Em paralelo, a reflexão sobre a voz nos permitiu compreender que a linguagem não se reduz ao funcionamento abstrato do significado. Em diálogo com Adriana Cavarero, a voz apareceu como experiência singular de presença e relação, capaz de deslocar a centralidade da consciência autocentrada em direção a formas de subjetividade abertas à alteridade. A escuta, nesse contexto, mostrou-se como possibilidade de suspensão da lógica instrumental, da dominação e do controle, permitindo pensar modos de relação com o mundo que não operam exclusivamente sob o modo da objetivação.

A problematização da escrita, por sua vez, esboçou um espaço privilegiado para a experimentação e a transformação. Em contraposição à concepção instrumental da linguagem, a escrita poética manifestou não se limitar à transmissão de conteúdos organizados previamente pela consciência, mas participar da própria emergência do pensamento, acolhendo aquilo que, na experiência, permanece indeterminado, fragmentário ou inapreensível. Em diálogo com Jacques Derrida e Maurice Merleau-Ponty, foi possível compreender a escrita como experiência de abertura ao real, tensionando os limites do logocentrismo e da metafísica da presença.

A razão poética aparece, assim, menos como substituição da razão lógico-matemática por outro modelo, do que como deslocamento em relação às suas formas hegemônicas ou tradicionais. Seguramente há na obra de Zambrano uma tentativa de restituir ao pensamento filosófico sua dimensão de experiência, reinscrevendo no interior da linguagem aquilo que a razão lógico-matemática reduziu ao silêncio. E seguramente na sua obra a escrita ganha contornos singulares, como prática de escuta e de criação, além dos imperativos de clareza conceitual e da determinação lógica, mas ainda fiel ao enigma que o mundo continua a ser para nós.

Inspirada por Zambrano, sem pretender oferecer respostas definitivas, a reflexão aqui desenvolvida procurou chamar a atenção sobre a necessidade de outras formas de relação entre filosofia, linguagem e experiência. Num contexto histórico como o nosso, marcado pela intensificação das formas de instrumentalização da vida e da linguagem, a razão poética quiçá ainda possa vir a permitir-nos pensar além dos cânones nos quais nos formamos, e a praticar a escrita como forma de resistência perante o empobrecimento da experiência humana. É em parte uma constatação, em parte um desafio. Seremos capazes de acolher a hesitação e a ambiguidade da criação, as figuras e o silêncio da poesia, o risco e a incompletude do pensamento? Seremos capazes de dar corpo à elusiva ideia de uma razão poética, reescrevendo a filosofia no movimento vivo da existência e abrindo espaço para modos de habitar e de conviver capazes abraçar a complexidade do real sem reduzi-la ao estreito âmbito dos conceitos?

Referências

- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALVINO, Italo. O rei à escuta. In: CALVINO, Italo. *Sob o sol-jaguar*. Tradução de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Tradução de Flavio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- CORTÁZAR, Júlio. *Obra crítica / 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenómeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Edições 70, LDA, mar. 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A prosa do mundo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- RAMÍREZ, Goretti. "Presentación". In: ZAMBRANO, María. *Obras completas VI*. Barcelona: Galaxia Gutenberg; Círculo de Lectores, 2014. p. 129-190.
- SCHWARTZ, Stephen Adam. Faux Pas: Maurice Blanchot on the Ontology of Literature. *SubStance*, Madison, v. 27, n. 1, issue 85, p. 19-47, 1998.
- ZAMBRANO, María. *Claros del bosque*. Barcelona: Biblioteca de Bolsillo, 1986
- ZAMBRANO, María. *A aventura de ser mulher*. Tradução de Maria de Lourdes Assis. Prólogo, seleção de textos e notas de Juan Fernando Ortega Muñoz. Lisboa: Edições Colibri, 2013.
- ZAMBRANO, María. Delírio y destino. In: ZAMBRANO, María. *Obras completas VI*. Edição de Jesús Moreno Sanz. Madrid: Galaxia Gutenberg; Círculo de Lectores, 2014. p. 843-1111.
- ZAMBRANO, María. *Hacia un saber sobre el alma*. 8. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2018.
- ZAMBRANO, María. *Horizonte del liberalismo*. In: ZAMBRANO, María. *Obras completas I (1930-1939)*. Madrid: Galaxia Gutenberg, 2015.
- ZAMBRANO, María. *Notas de un método*. In: ZAMBRANO, María. *Obras completas IV: tomo 2: libros (1977-1990)*. Edição de Jesús Moreno Sanz. Barcelona: Galaxia Gutenberg; Opera Mundi, [s.d.].
- ZAMBRANO, María. *O homem e o divino*. Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Relógio d'Água, 1995.
- ZAMBRANO, María. Poema e sistema. In: ZAMBRANO, María. *Metáforas do coração e outros escritos*. Tradução e introdução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. p. 47-50.
- ZAMBRANO, María. Por que se escreve. In: ZAMBRANO, María. *Metáforas do coração e outros escritos*. Tradução e introdução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. p. 37-42.
- ZAMBRANO, María. Por qué escribir? *Revista de Occidente*, Madrid, tomo XLIV, p. 318, 1934.
- RILKE, Rainer Maria. *A melodia das coisas: contos, ensaios, cartas*. Organização de Claudia Cavalcante. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

Recebido em: 05/2026
Aprovado em: 05/2026

